

EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES EM RELAÇÃO ÀS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

TEACHERS' EXPERIENCES IN RELATION TO SITUATIONS OF VIOLENCE IN THE SCHOOL CONTEXT

EXPERIENCIAS DE LOS DOCENTES ANTE SITUACIONES DE VIOLENCIA EN EL CONTEXTO ESCOLAR

Keila Barros Moreira¹
Danielle Rosa Evangelista²
Leonora Rezende Pacheco³
Leidiane Ferreira Santos⁴

Resumo

O espaço vida da escola, muitas vezes considerado seguro no imaginário simbólico dos atores que o compõe e da sociedade, tem cada vez mais se destacado como cenário para a materialização de inúmeras formas de violência. Nessa perspectiva, esta pesquisa teve o objetivo de descrever as vivências de professores no cenário escolar, relacionadas aos comportamentos de violência perpetrados por estudantes. Por meio da técnica de Grupo Focal, em que participaram seis professores de escolas públicas de tempo integral, localizadas em Palmas, Tocantins, Brasil, foram estabelecidas as categorias “Sobre“viver” às violências: quando o agressor está dentro da sala de aula”, “Infância distorcida: quando o brincar dá lugar a agressividade e às violências” e, “A escola: de um espaço protegido a um lugar de medo e de insegurança”. Identificou-se que as vivências de professores e crianças, no cenário escolar, estão imersas em medo, insegurança e interações tensionadas.

Palavras-chave: Professores; Criança; Violência Escolar.

Abstract

The school environment, often considered safe in the symbolic imagination of its actors and society, has increasingly stood out as a setting for the materialization of numerous forms of violence. From this perspective, this research aimed to describe the experiences of teachers in the school setting, related to violent behaviors perpetrated by students. Through the Focus Group technique, in which six teachers from full-time public schools located in Palmas, Tocantins, Brazil participated, the categories “On “living” with violence: when the aggressor is inside the classroom”, “Distorted childhood: when playing gives way to

¹Mestra em Ensino em Ciências e Saúde (PPGECS-UFT). Instituto de Psicologia/TO. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-6813-5204>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8613515410774600>. E-mail: barros.keila@mail.uft.edu.br

²Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará (UFCE). Professora da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4472-2879>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6101302826218325>. E-mail: daniellerosa@mail.uft.edu.br

³Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (UFG). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6048-3911>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0944928226120836>. E-mail: leonorapacheco@ufg.br

⁴Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2969-6203>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8082542010566584>. E-mail: leidienesantos@mail.uft.edu.br

Revista Imagens da Educação, v. 15, n. 4, p. 126-142, out./dez. 2025. ISSN 2179-8427

<https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v14i5.75540>



aggression and violence” and “The school: from a protected space to a place of fear and insecurity” were established. It was identified that the experiences of teachers and children, in the school environment, are immersed in fear, insecurity and tense interactions.

Keywords: Teachers; Children; School violence.

Resumen

El espacio vital de la escuela, a menudo considerado seguro en el imaginario simbólico de los actores que lo componen y de la sociedad, se ha convertido cada vez más en escenario de materialización de numerosas formas de violencia. Desde esta perspectiva, esta investigación tuvo como objetivo describir las vivencias de los docentes en el ámbito escolar, relacionadas con las conductas violentas perpetradas por estudiantes. A través de la técnica de Focus Group, en la que participaron seis docentes de escuelas públicas de tiempo integral ubicadas en Palmas, Tocantins, Brasil, se establecieron las categorías “Superar la “convivencia” con la violencia: cuando el agresor está dentro del aula”, “Infancia distorsionada :Cuando el juego da paso a la agresión y la violencia” y “La escuela: de un espacio protegido a un lugar de miedo e inseguridad”. Se identificó que las vivencias de docentes y niños, en el ámbito escolar, están inmersas en el miedo, la inseguridad y las interacciones tensas.

Palabras clave: Docentes; Niño; Violencia Escolar.

Introdução

A escola representa um espaço fundamental na vida social, destinado ao ensino-aprendizado e ao desenvolvimento da cidadania dos estudantes. Todavia, refere-se também ao ambiente em que são estabelecidas relações complexas e peculiares, nem sempre harmoniosas, influenciadas por aspectos sociais, políticos, econômicos e tecnológicos (Ministério da Educação, 2023).

Registra-se que as pessoas que compõem o universo escolar precisam conviver diariamente durante várias horas, respeitando os horários e as normas comuns, participando de atividades que nem sempre são prazerosas a todos os envolvidos. Nessas vivências, algumas relações podem tornar-se conflituosas e corroborar diferentes tipos de violências, prejudicando as crianças, os adolescentes, os jovens e os profissionais que atuam no local (Abramovay, 2021).

Nesse contexto, é válido pontuar que a violência na escola se apresenta como um fenômeno histórico e social, e não pode ser atribuída a apenas um fator condicionante, mas a um conjunto de características que estão implicitamente interligadas às mais variadas camadas sociais (Silva & Negreiros, 2020).

Assim, o espaço vida da escola, muitas vezes considerado seguro no imaginário simbólico dos atores que o compõe, tem cada vez mais se destacado como cenário para a materialização de inúmeras formas de violência, reflexo da vida social, em que milhares

de crianças e adolescentes apenas reproduzem aquilo que está presente em sua realidade (Barbieri & Santos, 2021).

Registra-se, também, que a desvalorização da atividade docente no imaginário coletivo, a relativização de discursos de ódio e a falta de preparo de secretarias de educação para lidar com os conflitos que surgem a partir de situações de racismo e misoginia, no cenário escolar, são hipóteses que podem colaborar para explicar esse fenômeno complexo e multicausal (Queiroz, 2025).

Além disso, a comunidade escolar vive em uma armadilha socioeconômica, política e ideológica, imersa em uma sociedade intrinsecamente violenta, pautada na política econômica neoliberal que propõe Estado Mínimo e, conseqüentemente, redução de custos; acossada pelas políticas educacionais e sem recursos teórico-práticos suficientes e adequados para enfrentar a situação (Canci, Gassen & Rosa, 2024).

Soma-se, ainda que, no âmbito da formação acadêmica dos professores, prevalece a ausência de referenciais e estratégias teórico-metodológicas que subsidiem as práticas de prevenção e enfrentamento das violências ocorridas no interior e fora da escola (Silva Junior & Urt, 2021). Como reflexo da violência, da exaustão emocional, dos conflitos com os alunos, do assédio, da sobrecarga e da falta de suporte organizacional no ambiente escolar, cresce de modo assustador o número de professores com Síndrome de *Burnout* (Silva et al., 2024).

Ao se considerar o exposto, as seguintes questões nortearam o desenvolvimento deste estudo: “Como tem sido as experiências dos professores em relação à própria segurança no ambiente escolar?” e “Quais sentimentos os professores têm vivenciado na escola?”.

Desse modo, esta pesquisa teve o objetivo de descrever as vivências de professores no cenário escolar, relacionadas aos comportamentos de violência perpetrados por estudantes. Espera-se dar visibilidade aos contextos reais em que os atores sociais da escola estão inseridos, numa perspectiva crítica, de modo a gerar os conhecimentos que possam verdadeiramente contribuir para as reflexões em relação às potencialidades e às dificuldades para o enfrentamento da violência por parte dos professores e da escola.

Itinerário metodológico

Trata-se de uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, realizada segundo o guia *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ) (Souza, Marziale, Silva & Nascimento, 2021), em que participaram os professores de escolas públicas de tempo integral, localizadas em Palmas, Tocantins, Brasil.

A rede de ensino local é composta por 78 unidades educacionais municipais, com 33 Centros de Educação Infantil, que recebem crianças de seis meses a cinco anos; e 45 escolas de Ensino Fundamental, para as crianças de seis a 14 anos. Dezesete unidades recebem estudantes em período integral, das quais cinco estão em área rural (Prefeitura Municipal de Palmas, 2023).

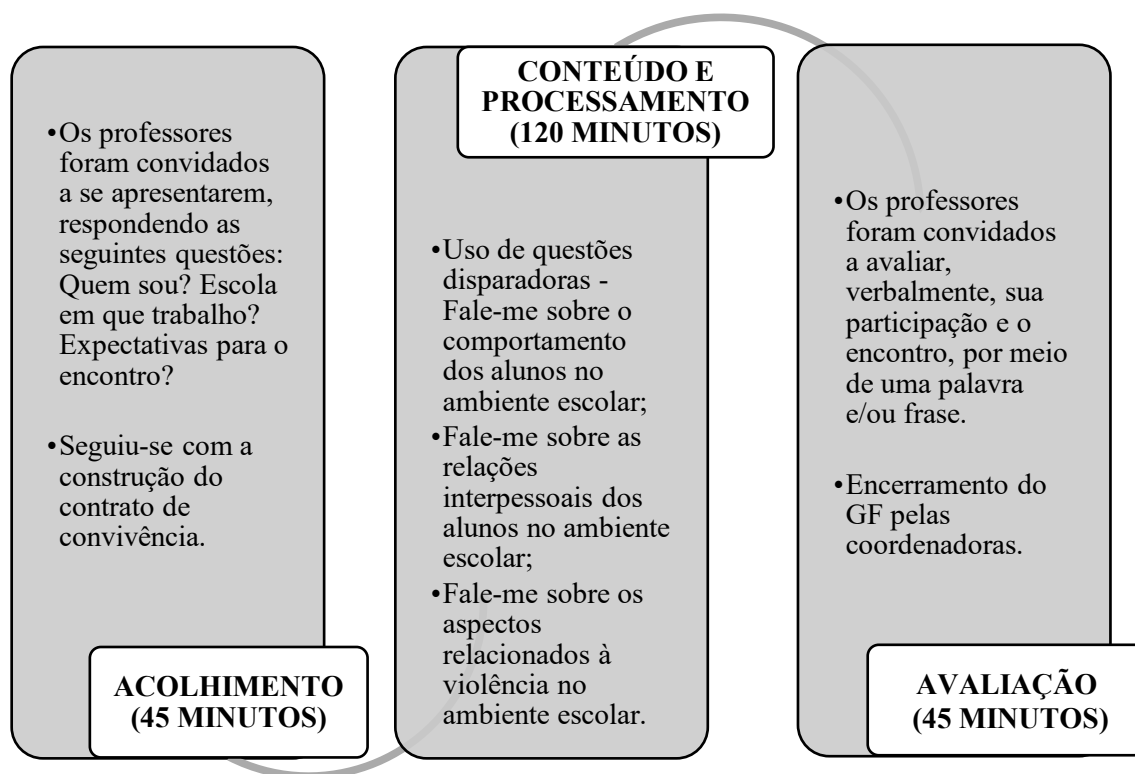
Durante os meses de abril a maio de 2023, duas pesquisadoras visitaram as escolas selecionadas para apresentar às equipes diretivas os objetivos deste estudo e solicitar a indicação de professores para participarem da etapa de coleta de dados, que se deu por meio de Grupo Focal (GF).

Assim, ao se considerar as recomendações da literatura em relação ao trabalho com os grupos, especialmente sobre oportunizar o compartilhamento de experiências e a interação entre os integrantes (Oliveira & Santos, 2015), limitou-se o convite a um professor por unidade escolar. Nas situações em que dois ou mais desejassem participar, sugeriu-se a realização de sorteio.

Os diretores enviaram os dados dos professores (nome, *e-mail* e telefone) às pesquisadoras, via telefone e/ou *e-mail*, até uma semana antes do GF, que aconteceu em junho de 2023, no período vespertino, nas dependências da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

O GF foi conduzido por uma enfermeira, especialista em dinâmica de grupo, e uma auxiliar de pesquisa, estudante do curso de Medicina, que foi devidamente treinada para essa atividade. O encontro teve duração de aproximadamente três horas e sua condução atendeu às recomendações da literatura especializada (Oliveira & Santos, 2015), conforme a figura 1.

Figura 1. Etapas implementadas no GF. Palmas (TO), Brasil. 2023.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Registra-se que se optou pelo GF por sua capacidade interativa e problematizadora, que possibilita inserir os participantes da pesquisa no contexto das discussões de análise e síntese, contribuindo para o repensar de atitudes, concepções, práticas e políticas sociais (Backes, Colomé, Erdmann & Lunardi, 2011). Assim, caracteriza-se como recurso oportuno para o alcance do objetivo proposto neste estudo.

O GF foi gravado em mídia digital e transcrito na íntegra pelas pesquisadoras que participaram da atividade. Pontua-se que foram realizados ajustes ortográficos para facilitar a compreensão do leitor, mas não houve alteração no sentido das falas que formam o *corpus* de análise.

As transcrições foram submetidas à “Análise de Conteúdo”, inicialmente pela exploração do material, por meio de leitura flutuante, com o objetivo de apreender e organizar as informações de maneira não estruturada, buscando apreender de maneira global as ideias principais e os seus significados gerais (Bardin, 2010).

Em seguida, foram selecionadas as unidades de análise, em um processo dinâmico e indutivo de atenção, ora concreta a mensagem explícita, ora as significações não aparentes do contexto, até a proposição de categorias. Por último, foi realizado o tratamento dos resultados, a partir de inferências e interpretações dos achados (Bardin, 2010).

Nesta pesquisa, os critérios de inclusão foram: professores do Ensino Fundamental de escolas municipais de tempo integral, localizadas na zona urbana de Palmas, Tocantins, Brasil, num total de 12 unidades. Teve-se como critérios de exclusão, os sujeitos com menos de cinco anos de experiência docente.

Todos os participantes foram esclarecidos quanto ao estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Esta pesquisa atende aos preceitos da Resolução nº 466 de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), CAAE 64901022.0.0000.5519, e pela Secretaria Municipal de Educação de Palmas, Ofício nº 832/2023/GAB/SEMED.

Para designar a quem pertence cada fragmento de discurso e preservar o anonimato dos professores, garantindo-se o sigilo das narrativas, usou-se o termo genérico “professor”, representado pela letra “P”, seguida de um número arábico, segundo a ordem cronológica das falas no GF.

Resultados

Das doze escolas municipais de tempo integral, modalidade Ensino Fundamental, uma recusou-se a participar da pesquisa, por intermédio de sua diretora. Seis unidades participaram, totalizando seis professores no GF, dos quais a maioria era do sexo feminino (5;83,3%) e todos com mais de sete anos de experiência na área, a média foi de 12 anos.

Os depoimentos dos participantes permitiram a proposição das categorias “Sobre“viver” às violências: quando o agressor está dentro da sala de aula”, “Infância

distorcida: quando o brincar dá lugar a agressividade e às violências” e “A escola: de um espaço protegido a um lugar de medo e de insegurança”, a partir das quais foi possível compreender que, para além do imaginário de uma escola segura, existem os professores, as crianças e outros atores sociais, que compõem o universo escolar, expostos à iniquidades e inúmeras formas de violações de direitos.

Sobre “viver” às violências: quando o agressor está dentro da sala de aula

A partir dos depoimentos foi possível perceber que, no cenário escolar, os professores estão sujeitos, comumente, às ações de violência, muitas vezes graves, perpetradas por seus estudantes, ou seja, crianças:

[...] lá na minha escola apareceram uns carros riscados. Aluno riscou, acho que o fato de o professor ter cobrado, ter exigido alguma coisa. O aluno foi lá fora depois, e com um prego, riscou o carro do professor. Então, assim, eu percebo também que no cotidiano da sala de aula a agressividade aumentou, e muito. Um aluno, por pouquinho coisa, ele estoura [P1].

[...] o caso da agressão pelo aluno, repetidas vezes, repetidas vezes. Não foi só uma, duas ou três. Aí a gente praticamente já fica, nossa e hoje, quem é esse aluno? A gente já fica, automaticamente, querendo se proteger. Será que o ano que vem sou eu? Será que eu vou ser professora dessa criança [P2].

Esse ano um aluno trouxe uma faca para matar o professor. Então, assim, nunca antes. São crianças, no máximo dez anos. São crianças. Eles estão vindo com essa questão na mente deles, que qualquer coisa eles podem fazer. Pode levar arma, pode levar faca, até tesoura [P3].

[...] essa professora já foi agredida por uma criança umas duas, três vezes. Quando nosso coordenador foi intervir, ele também foi agredido. [...] nós temos caso esse ano, reincidente, com a mesma pessoa, de agressão de uma criança pequena, da menor faixa etária da escola [P4].

Então, assim, até que ponto nós estamos vulneráveis a isso? Até que ponto? Eu tenho chave da minha sala, aí eu fico pensando, eu fecho ou não essa porta? Naqueles dias [véspera há um atentado ocorrido em São Paulo], eu ficava pensando eu vou ou não fechar essa porta, essa janela. Então você já fica pensando num plano de fuga dos seus alunos, o que você vai ter que fazer [P5].

Porque são tantas situações que nós estamos convivendo agora, que a gente não sabe. Igual ela falou, nós não temos essa formação. Nós não temos formação, informação, preparo, nós não temos. Depois que morreram aquelas crianças, aí é que vai se falar nisso? Mas quantas crianças terão que morrer? Quantos professores vão ter que morrer para que a nossa escola tome uma postura. [...] quando é, quantas pessoas ainda vão morrer para que nós sejamos ouvidos? [P6].

O cenário escolar expõe os professores à vulnerabilidade física e mental e, até mesmo, de bens materiais. Nota-se, assim, professores que não sabem como agir, sentem-

Revista Imagens da Educação, v. 15, n. 4, p. 126-142, out./dez. 2025. ISSN 2179-8427

<https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v14i5.75540>



se intimidados, coagidos, vulnerabilizados, fragilizados, amedrontados e, até mesmo, negligenciados.

Infância distorcida: quando o brincar dá lugar a agressividade e violência

De acordo com os professores, nos últimos anos houve uma mudança em relação ao comportamento das crianças, que apresentaram frequentes episódios de ansiedade e excessiva agressividade, bem como inúmeras formas de violência contra seus pares e outros atores sociais que integram a escola.

As crianças não estão dialogando para resolver os problemas. Elas estão resolvendo de maneira agressiva. É um murro, é um soco, é o jeito que eles assistem nos desenhos. Deu um soco daquele desenho ali, daquela personagem, é desse jeito que se defende. Aí, assim, a gente lida mais com essa violência [P2].

Esse ano eu peguei um aluninho meu, ele trouxe uma arma, eu nunca tinha visto, tipo um canivete, mas tinha um negócio de colocar o dedo. Eu perguntei, o que é isso? Ele falou, foi meu irmão que me deu. [...] então, assim, uma arma que eu nunca tinha visto. É igual uma faca. Muito perigoso. No caso, ele tem oito anos [P4].

Só na minha turma eu estou com quatro alunos com acompanhamento com psicólogo. Quatro. Então, eu acho assim, para 36 alunos é muito. A questão dessa ansiedade, desse nervosismo. Tem aluno que qualquer coisa já explode. Se um olhar já fica nervoso. Está muito difícil. São crianças de oito anos [P5].

[...] e um caso que foi me relatado esses dias, no caso de um aluno que envenenou a outra coleguinha. Colocou veneno na água, na escola. [...] olha a questão da violência [P6].

A escola tornou-se um cenário de inúmeros tipos de abuso, incluindo as formas graves de atentados à vida, sendo os autores das violências as crianças pequenas. Tal fato requer intervenções urgentes, de modo intersetorial, de modo a favorecer que a escola desenvolva plenamente seu papel de proteção e promoção das infâncias.

A escola: de um espaço protegido a um lugar de medo e de insegurança

Além da violência na escola, os professores e estudantes também precisam lidar com a violência contra a escola. Desse modo, observa-se que a sensação de medo e de insegurança, estava presente na vida escolar, sendo exacerbada, especialmente, pelos ataques contra as escolas ocorridos nos últimos anos, no Brasil.

E você volta para o ambiente de trabalho e tem toda essa situação de medo novamente, de pânico novamente, de medo da morte novamente. Então assim, foi muita coisa próxima, pandemia, atentado. E as crianças sentem mais, são mais vulneráveis [P1]. Eu estava dando aula, aí teve um barulho na escola, todos os alunos gritaram. [...] a sala fica fechada com ar condicionado e a porta não é transparente, o coordenador chegou, abriu a porta, todos gritaram. Então, são coisas assim que, eu não passei por isso antes. Eu me sentia segura na escola. Então, você estar na sua escola se sentindo vulnerável [P2]. Eu percebo que eles [crianças] realmente estão assim, ansiosos. Eles têm um medo, eles têm bastante medo. Essas informações desses ataques, qualquer coisa que eles veem, eles têm esse medo. Eles choram muito. Qualquer coisinha eles estão chorando [P4].

Os relatos mostraram crianças e professores em constante estado de alerta e apavorados, evidenciando que o ambiente escolar pode expor as pessoas ao risco de violência, morte e comprometer o bem-estar.

Discussão

Embora se reconheça que violência refere-se a um fenômeno complexo e multicausal, cuja definição requer a compreensão e a inclusão de elementos e teorias sociais, culturais e filosóficas, dentre tantos outros aspectos (Escorsim, 2014), para esta pesquisa adotou-se o conceito proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS), e, assim, considerada como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio ou outra pessoa/grupo/comunidade, que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação (World Health Organization, 1996).

Especificamente, no contexto escolar, as situações de violência não se configuram em eventos recentes, tão menos passageiros, e são amplamente influenciadas por condições estruturais desta unidade e pela própria organização social capitalista, pautada na meritocracia, na competição e na falácia do discurso da eficiência, que apenas reforça a oferta de soluções simples para os problemas complexos, tais como: a violência em suas diversas configurações (Ferreira & Barbosa, 2023).

Contudo, chama a atenção o número cada vez maior de crianças e adolescentes que cometem inúmeras formas de abusos nas escolas, incluindo violência extrema. No Brasil, em 2022, por meio do disque 100, houve 367 denúncias de violações em instituições de ensino em que os suspeitos foram menores, com idade de 12 a 17 anos. Já

em 2023, esse total alcançou a marca alarmantes de 962 denúncias (Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2024).

Pontua-se que as crianças e os adolescentes reproduzem aquilo que está presente em sua realidade, e que a relativização da violência contribui para que as pessoas nem sempre a veja como algo ruim ou mesmo tomem consciência que a sofra e/ou perpetre (Barbieri & Santos, 2021). Nessa lógica, o aumento dos casos de infrações executadas por menores pode ser reflexo de uma sociedade em que a violência infantojuvenil cresce exponencialmente e os maus-tratos contra esse grupo sejam tolerados e enraizados à rotina de muitas famílias/comunidades (Santos et al., 2023).

Consequentemente, menores abusados apresentam maiores chances de reproduzir comportamentos violentos, bem como de serem mais agressivos (Ran, Zhang, Li & Chen, 2023). Logo, a violência e as inúmeras iniquidades sociais às quais as crianças e os adolescentes estão expostos no ambiente doméstico/comunitário, transpõem os muros da escola, fazendo com que os professores se deparem com uma realidade a qual nem sempre estejam preparados para lidar, resultando em adoecimento, bem como na própria vitimização (Canci et al., 2024).

Nesta pesquisa, identificou-se que os professores e os estudantes experienciaram diversas formas de abuso, sendo elas implementadas por crianças na mais tenra idade. Dados recentes mostraram que a fração de professores exposta às agressões (contra a vida ou contra a propriedade) dentro do ambiente escolar é expressiva (Simões & Cardoso, 2022; Plassa, Paschoalino & Bernardelli, 2021), e podem provocar prejuízos físicos, financeiros e/ou psicológicos às vítimas (Plassa et al., 2021).

Ao corroborar com tais evidências, uma pesquisa com 200 professores do Ensino Fundamental e Médio de um município paranaense, identificou que 143 (71,5%) já havia sofrido violência verbal e seis (3%) física. Ainda, 115 (57,5%) apresentaram alta exaustão emocional, 98 (49%) alta despersonalização, 72 (36%) baixa realização profissional e 42 (21%) possuíam indicativo para Síndrome de *Burnout*. A exaustão emocional e despersonalização estavam direta e significativamente associadas ao sofrer violência física e verbal, ou a presenciar esses tipos de abusos (Ribeiro et al., 2022).

Em relação aos menores que sofrem qualquer tipo de violência na escola, as implicações também podem ser diversas, tais como; transtorno de apego reativo, sedentarismo, sobrepeso ou obesidade, diabetes, hábitos de fumar, uso excessivo de álcool, saúde autoavaliada ruim, câncer, doenças cardíacas e respiratórias, e outros resultados negativos (Ferrara, Franceschini, Villani & Corsello, 2019).

Percebe-se, desse modo, que a violência produz consequências devastadoras, comprometendo significativamente a saúde física e mental de professores (Silva et al., 2024) e estudantes (Ferrara et al., 2019). Todavia, ainda há fragilidades na implementação de estratégias que efetivamente contribuam para mudar tal realidade (Silva Junior & Urt, 2021).

Outro aspecto contemplado pelos professores desta pesquisa, refere-se às recentes ondas de ataques às escolas no cenário nacional, repercutindo em medo e insegurança a todos que estão nas unidades. Alguns estudos apontaram que as escolas, cada vez mais, são alvos de atentados violentos (Rapa et al., 2024; Katsiyannis et al., 2023).

Nos Estados Unidos da América, dados de 2017 a 2022, evidenciaram uma tendência ascendente e contínua de tiroteios em escolas, bem como de mortes relacionadas aos eventos (Katsiyannis, Rapa, Whitford & Scott, 2023). No Brasil, a partir de 2019, houve um expressivo aumento dos casos de violência extrema contra as escolas. Enquanto no período de quase 20 anos (2001 a 2018) foram notificados 10 ataques a estes locais, em 2022 e 2023 foram 10 e 15, respectivamente (Brasil, 2025).

Registra-se que, apenas em 2023, nove pessoas morreram e 29 ficaram feridas em atentados violentos contra as escolas no Brasil. Totalizaram-se, de 2001 a 2023, 43 ataques, dos quais 15 culminaram na morte de ao menos uma pessoa. Nesse período, houve 168 vítimas, sendo 53 fatais. Dentre os óbitos, seis referem-se aos autores dos eventos (Brasil, 2025).

Os ataques às escolas são frequentemente, praticados por alunos e ex-alunos, quase sempre como uma reação aos ressentimentos, fracassos e violências experienciadas na vida e na comunidade escolar, em que o extremismo é o elemento central das ações, e a misoginia e o racismo desempenham papel crucial nesse processo (Ministério da Educação, 2023).

Tais eventos exibem uma série de elementos que se combinam. Dentre eles, a motivação quase sempre se fundamenta no desejo de vingança e no ressentimento em relação à sociedade e ao ambiente escolar, em que a busca por notoriedade também está presente, manifestando um desejo de reconhecimento público por parte dos perpetradores, que veem os ataques como uma maneira de obter atenção social (Ministério da Educação, 2023).

Percebe-se, nesse sentido, que os gestores e professores têm dificuldades para atuar nas situações de violências no ambiente escolar o que, por conseguinte, pode reverberar em violência contra a escola (Canci et al., 2024; Barbieri & Santos, 2021). Ainda assim, prevalecem as fragilidades na implementação de políticas públicas e intervenções direcionadas ao preparo e ao acolhimento da comunidade escolar, especificamente, no que tange à prevenção e no manejo das agressões (Shimada, Komuro & Mattos, 2024).

Destaca-se que para o enfrentamento da violência, em contexto escolar, é necessário, dentre outras questões, que a equipe pedagógica disponha de ferramentas para o atendimento dos casos, bem como seja bem instruída sobre como utilizá-las. Para tanto, é preciso estabelecer as políticas municipais e estaduais de convivência em escolas que, desde o nível estratégico (das secretarias), até o operacional (das salas de aula), esbocem os critérios de identificação e resposta aos casos, que estejam alinhadas aos valores democráticos e atendam às demandas de grupos específicos, reduzindo as desigualdades que atravessam o contexto escolar (Oliveira, Dutra & Ludgero, 2023).

Ainda, é importante que as ações de prevenção e enfrentamento da violência escolar ampliem a definição sobre as variáveis que podem constituir esse fenômeno, incorporando as reflexões sobre a realidade concreta da vida de estudantes e famílias, assim como as questões de cunho político e ideológico. Tais ações precisam estar contextualizadas com a realidade local escolar, na medida em que a violência deve ser compreendida a partir do contexto social e cultural que a atravessa (Silva & Assis, 2018).

Outro aspecto a ser considerado, refere-se à precarização das condições de trabalho dos professores, reflexo de uma estrutura educacional que historicamente negligencia a importância do bem-estar docente. A sobrecarga de trabalho, os baixos

salários e a falta de autonomia são componentes de uma longa trajetória de desvalorização profissional (Farias & Wagner, 2024).

Desse modo, além de experienciar as agressões por parte dos estudantes, no ambiente escolar, os professores também estão expostos aos conflitos interpessoais, às questões estruturais e organizacionais inadequadas (Simões & Cardoso, 2022) e a falta de apoio emocional (Farias & Wagner, 2024). Mitigar tais aspectos requer esforços conjuntos, que incluam desde as mudanças no ambiente educacional, às políticas públicas governamentais de valorização do trabalho docente (Farias & Wagner, 2024).

Ao considerar o exposto, é possível compreender que a violência na escola apresenta-se como um fenômeno complexo e multideterminado, fruto de uma sociedade que favorece as relações sociais alienadas e violentas, o individualismo e a barbárie; mas também, de situações específicas do contexto escolar, tais como: instabilidade e rotatividade da equipe profissional (política econômica neoliberal), ausência de regras claras de convivência, vigência de preconceitos, crise da autoridade docente, conflitos na relação professor-aluno, naturalização das violências e fracasso escolar (Canci et al., 2024).

Nesse cenário, atual e desafiador, o enfrentamento da violência, em todas as suas faces, requer investimentos na formação docente (Silva Junior & Urt, 2021), em condições dignas de trabalho e salários, no desenvolvimento de programas de saúde mental contínuos à comunidade escolar (Farias & Wagner, 2024), e na implementação de políticas públicas de promoção e proteção à saúde infantojuvenil (Santos et al., 2023).

Considerações finais

As vivências de professores e crianças, no cenário escolar, estão imersas em medo, insegurança e interações tensionadas. Tais aspectos foram intensificados pelas ameaças e casos de ataques às escolas, crescente de modo significativo nos últimos anos no cenário nacional, evidenciando uma situação cada vez mais presente no cotidiano destas unidades.

Identificou-se que há fragilidades na implementação de ações direcionadas a instrumentalizar e proteger a comunidade escolar em relação às inúmeras violências na e

contra a escola, dando a impressão de que esse lugar está marginalizado e, muitas vezes, entregue à própria sorte.

Apesar de as legislações atuais, em âmbito nacional, indicarem uma preocupação do poder público em relação ao enfrentamento da violência no contexto escolar, a partir dos professores, constatou-se que não estão materializadas as ações com esta finalidade. Além disso, identificaram-se as fragilidades no funcionamento da rede de proteção à criança e ao adolescente, na qual a escola, além de fazer parte, promovendo ações, também deveria receber acolhimento, orientação e proteção, mas tais ações não acontecem na prática.

Nesse sentido, está evidente que novas pesquisas são necessárias, de modo a dar visibilidade à realidade vivenciada nas escolas brasileiras, especialmente no que tange às mudanças no comportamento infantil e no aumento dos casos de violência perpetrada contra a criança e por ela, principalmente em cenário pós pandêmico, em que evidentemente houve um crescimento de abusos aos menores, e estes, consequentemente, retornaram às escolas com inúmeras dificuldades, especialmente relacionais, culminando em maior agressividade e episódios de violência, mesmo em crianças com a mais tenra idade.

Como limitação desta pesquisa, apresenta-se a não inclusão de professores de escolas parciais e de outros atores sociais que integram o universo escolar, tais como: porteiros, merendeiras e estudantes. Muito embora o objetivo proposto tenha sido alcançado, a presença desses sujeitos poderia contribuir para a compreensão de outros aspectos relacionados ao fenômeno estudado.

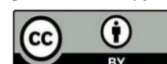
Referências

- Abramovay, M. (2021). *Programa de prevenção à violência nas escolas: Violências nas Escolas*. Brasil: Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais Sede Brasil. https://flacso.org.br/files/2015/08/Violencias-nas-Escolas_edicao2.pdf
- Backes, D. S., Colomé, J. S., Erdmann, R. H., & Lunardi, V. L. (2011). Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. *Mundo saúde*, 35(4), 438-442.
- Barbieri, B. C., & Santos, N. E. (2021). Violência escolar: Uma percepção social. *Revista Educação Pública*, 21(7), 1-5.

Revista Imagens da Educação, v. 15, n. 4, p. 126-142, out./dez. 2025. ISSN 2179-8427
<https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v14i5.75540>



- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo*. Lisboa (PT): Edições 70.
- Brasil. (2025). *1º Boletim Técnico: Escola que protege. Dados sobre violências nas escolas*. Brasil: Ministério da Educação/Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. <https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-que-protege/BOLETIMdadosobreviolenciasnasascolas.pdf>
- Canci, L., Gassen, A. P., & Rosa, S. A. (2024). Violências na escola: crianças e professores em uma trama socioeconômica-política-ideológica. *Psicologia Escolar e Educacional*, 28, e256822.
- Escorsim, S. M. (2014). Violência de gênero e saúde coletiva: Um debate necessário. *Revista Katálisis*, 17(2), 235-241.
- Farias, B. H. S., & Wagner, F. (2024). Condições de trabalho e adoecimento docente: causas persistentes. *Scielo Preprints*. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.10323>
- Ferrara, P., Franceschini, G., Villani, A., & Corsello, G. (2019). Physical, psychological and social impact of school violence on children. *Italian Journal of Pediatrics*, 45(76), 1-4.
- Ferreira, L. H., & Barbosa, A. (2023). Entre tantas violências: políticas, lugares e a construção do sentido da escola. *Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade*, 32(69), 59-77.
- Katsiyannis, A. Rapa, L. J., Whitford, D. K., & Scott, S. N. (2023). An Examination of US School Mass Shootings, 2017–2022: Findings and Implications. *Advances in Neurodevelopmental Disorders*, 7(1), 66-76.
- Ministério da Educação. (2023). *Ataques às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental*. Brasília (DF): Ministério da Educação. <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf>
- Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (2024). *Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos*. Brasília (DF): Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/disque100>
- Oliveira, V. C., Dutra, N. M., & Ludgero, L. F. (2023). Temos projetos e temos polícia: A visão dos diretores sobre as estratégias de prevenção à violência em contexto escolar. *Rev. Bras. Estud. Pedagog.*, 104(e5342), 1-17.
- Oliveira, L. M. A. C.; & Santos, L. F. (2015). *Trabalhando com grupos na assistência a familiares em UTI*. Curitiba (PR): Appris.
- Plassa, W.; Paschoalino, P. A. T.; & Bernardelli, L. V. (2021). Violência contra professores nas escolas brasileiras: determinantes e consequências. *Nova Economia*, 31(1), 247-271.
- Prefeitura Municipal de Palmas. (2023). *Rede Municipal de Ensino de Palmas: Unidades Educacionais*. Palmas (TO): Secretaria da Educação.
- Revista Imagens da Educação, v. 15, n. 4, p. 126-142, out./dez. 2025. ISSN 2179-8427
<https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v14i5.75540>



https://www.palmas.to.gov.br/media/orgao/documentos/Rela%C3%A7%C3%A3o_Cmeis_e_Escolas_de_Palmas_nWggAse.pdf

- Queiroz, C. (2025). Violência escolar aumenta nos últimos 10 anos no Brasil. Brasil (BR): Pesquisa Fapesp. https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2025/04/012-017_capa-violencia-nas-escolas_350-parte-1.pdf
- Ran, G. Zhang, Q., Li, J., & Chen, J. (2023). The Association Between Child Abuse and Aggressive Behavior: A Three-Level Meta-Analysis. *Trauma, Violence e Abuse*, 24(5), 3461-3475.
- Rapa, L. J., Katsiyannis, A., Scott, S. N., & Durhan, O. (2024). School Shootings in the United States: 1997-2022. *Pediatrics*, 153(4), e2023064311.
- Ribeiro, B. M. S. S., Martins, J. T., Moreira, A. A. O., Galdino, M. J. Q., Lourenço, M. C. F. H., & Dalri, R. C. M. B. (2022). Associação entre a síndrome de burnout e a violência ocupacional em professores. *Acta Paulista de Enfermagem*, 35, eAPE01902.
- Santos, L. F., Carvalho, L. P. A. O., Silva, J. B., Santos, M. T. B., Claro, L. C., & Evangelista, D. R. (2023). Educação em saúde como estratégia de enfrentamento à violência infantil em tempos de Covid-19. *Singular. Sociais e Humanidades*, 1(5), 89-102.
- Shimada, M. F. P. H., Komuro, L. S. F., & Mattos, A. R. (2024). Violência nas escolas e implementação de políticas públicas. *Quaestio - Revista de Estudos em Educação*, 26, e024019.
- Silva, A. K. A., Oliveira, E. N., Cordeiro, J. W. P., Souza, A. G., Pereira, P. S., & Oliveira Neta, R. A. (2024). Síndrome de burnout em professores e suas causas: Uma revisão integrativa. *Revista Baiana de Saúde Pública*, 48(2), 117-128.
- Silva, E. H. B., & Negreiro, F. (2020). Violência nas escolas públicas brasileiras: uma revisão sistemática da literatura. *Rev. Psicopedagogia*, 37(114), 327-40.
- Silva Junior, A. B., & Urt, S. C. (2021). O enfrentamento da violência na escola: o que as produções científicas apontam como medidas? *Psicol. Educ*, 53(2), 55-65.
- Simões, E. C., & Cardoso, M. R. A. (2022). Violência contra professores da rede pública e esgotamento profissional. *Ciênc. saúde coletiva*, 27(3), 1039-1048.
- Souza, V. R. S., Marziale, M. H. P., Silva, G. T. R., & Nascimento, P. L. (2021). Tradução e validação para a língua portuguesa e avaliação do guia COREQ. *Acta Paulista De Enfermagem*, 34, eAPE02631.
- World Health Organization. (1996). *Global consultation on violence and health. Violence: a public health priority*. Geneva: WHO.

Recebido: 03/02/2025

Aceito: 02/05/2025

Publicado: 22/12/2025

Revista Imagens da Educação, v. 15, n. 4, p. 126-142, out./dez. 2025. ISSN 2179-8427
<https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v14i5.75540>



NOTA:

As autoras foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.